

O OLHAR FRANCÊS SOBRE O BRASIL DO SÉCULO XVI

Juliane Cristian Silva Pinto¹

Universidade do Estado da Bahia *Campus II*, Alagoinhas

Aquele que não é do lugar, que acabou de chegar,
é capaz de ver aquilo que os que lá
estão não podem mais perceber.

Nelson Peixoto

Resumo: Este trabalho acadêmico visa discutir o imaginário francês sobre o Brasil do século XVI, abordando os relatos de viajantes franceses que estiveram no país por intermédio das relações comerciais com os nativos. Apresenta-se como exemplificação a visão de André Thevet e Jean de Léry baseada em sua experiência no Brasil ao decorrer do século citado e construída através do período que residiram na França Antártica. A fundamentação teórica deste artigo está voltada para as imagens criadas pelos viajantes em relação ao Brasil na visão dos autores: Carmen Lícia Palazzo, Leyla Perrone-Moisés, Lilia Moritz Schwarcz, Lucien Provençal, Mario Carelli e Vasco Mariz.

Palavras-chave: Viajantes, Relatos, Olhar.

THE FRENCH LOOK ABOUT BRAZIL IN THE SIXTEENTH CENTURY

Abstract: This academic work aim to discuss the French imaginary of the sixteenth century Brazil address reports of French travelers who were in the country through trade relations with the natives. It is presented as exempli the vision of André Thevet and Jean de Léry based on his experience in Brazil over the course of that century built across the period res ided in France Antarctica. The theoretical foundation of this article is focused on the images created by travelers in Brazil in relation to the authors' view: Lycian Palazzo, Leyla Perrone-Moisés, Lilia Moritz Schwarcz, Lucien Provençal, Mario Carelli and Vasco Mariz.

Keywords: Travelers, Reports, Look.

¹ E-mail: juuchristian@hotmail.com.

Introdução

Os estrangeiros que frequentavam o Brasil no século XVI construíram sua visão em relação ao país a partir dos interesses voltados a esse Novo Mundo; o mesmo está representado em perspectivas diferentes de acordo com a vivência de cada um no solo brasileiro, porém determinado olhar encontra-se repleto de clichês estereotipados, como a possibilidade de ser o paraíso terrestre e a morada dos monstros figurados de homem. Isso se deve à influência dos muitos relatos, reais ou ilusórios, produzidos durante a Idade Média e que circulavam na Europa.

Os relatos dos viajantes franceses do período descrito mostram claramente a visão que havia sido construída através do fascínio com a beleza e infinidade dos recursos naturais e o exotismo do seu habitante natural acrescido do imaginário francês, composto de mitos e utopias em relação ao Brasil, terra por muitos desconhecida.

Havia uma grande expectativa no fantástico e extraordinário a serem encontrados na Nova Terra. Na ótica de muitos, ela poderia ser o tão almejado Paraíso Terrestre e é justamente o fruto do que imaginavam e acreditavam fazer parte do Brasil que é apresentado nos relatos dos viajantes, que foram ilustrados com imagens irreais como demônios atormentando os povos indígenas e dragões habitantes da floresta. Estão intrincados nestes a descrição da visão que tinham em relação ao índio, considerado inteiramente povo bárbaro. Entretanto, a terra brasileira era admiravelmente comparada ao Éden descrito no livro de Gêneses da Bíblia. A análise dos relatos citados transparece, portanto, a existência de uma visão dicotômica em relação ao país, pois se, por um lado, a terra brasileira era comparada ao paraíso, por outro, os nativos representavam o inferno.

O encontro com os moradores do Novo Mundo trouxe certo estranhamento aos europeus e poucos foram os esforços para tentar compreendê-los. Entre os relatos franceses sobre experiências na nova terra descoberta pelos portugueses, encontram-se os registros do frade franciscano André Thevet, que foi o primeiro a descrever a flora e a fauna brasileira e os índios tupinambás. Também faz parte desse contexto o relato da experiência no Brasil do calvinista Jean de Léry que apresenta uma tentativa de compreender os indígenas, por isso, tornou-se referencial quando diz respeito à terra brasileira.

1. A “descoberta” do Brasil pelos franceses

A descoberta do Novo Mundo foi fruto de várias aventuras marítimas motivadas pelo interesse econômico, o desejo de evangelizar o indígena e/ou a curiosidade como destaca Leyla Moisés (1996). Estes são os grandes estímulos que encorajavam os viajantes europeus do século XVI a se arriscarem rumo ao desconhecido envolto de mitos e fantasias fixados na tradição medieval. O próprio Oceano Atlântico era o mais desconhecido, contudo, a curiosidade era uma grande característica desses viajantes. Leyla Moisés (1996) afirma que este foi um dos maiores motivos das Grandes Navegações tão importante quanto o interesse econômico e a ambição.

Os comerciantes franceses estão entre os primeiros viajantes a chegar ao Brasil; segundo Mariz (2006), esses navegadores frequentavam as costas brasileiras desde o final do século XV, portanto, antes de Cabral,² para obter o pau-brasil, pois era importante matéria-prima para o tingimento na indústria têxtil da cidade de *Rouen* e também à procura de outros produtos valiosos como ouro e prata. As viagens francesas ao Brasil do século XVI eram puramente comerciais como descreve Mariz:

*Não vinham eles ao Brasil para fundar colônias permanentes e sim apenas para comerciar com os índios. Traziam os produtos europeus que os indígenas ambicionavam, em troca recebiam os produtos da terra brasileira que tinham possibilidade de revender, com grandes lucros, na Europa.*³

Os muitos comerciantes franceses levavam para o Brasil facas, anzóis, machados, camisas, espelhos, tecidos de cores vivas, etc. para serem trocados com os indígenas, entre outras coisas, por troncos de pau-brasil, papagaios, macacos, plantas medicinais, plumas de aves e até alimentos; com efeito, as embarcações francesas que aportavam no Brasil regressavam à Europa carregadas de produtos brasileiros, o que enriquecia a muitos e, em contrapartida, os índios se contentavam com objetos de menor valor aquisitivo.

² MARIZ, Vasco. **Villegagnon e a França Antártica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2006, p.51. Sobre essa questão Leyla Moisés afirma que “alguns historiadores franceses do século XIX reivindicaram a primazia de seus compatriotas na descoberta do Brasil; para tanto, apoiavam-se principalmente na tradição que indicavam um certo Jean Cousin como o tendo precedido Cabral em nossas terras. Essa tese teve de ser abandonada por falta de documento”. (1996, p.86)

³ MARIZ, Vasco. **Villegagnon e a França Antártica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2006, p.38.

No entanto, vale ressaltar que o escambo com os nativos possibilitou a disseminação de aspectos culturais franceses no tocante ao fato de algumas tribos começarem a utilizar metais sem os mesmos tê-los inventados ou construídos graças a essa relação comercial. E por outro lado somente com a ajuda dos índios que os franceses conseguiam comerciar e sobreviver no Brasil, devido às dificuldades encontradas para se alimentarem acrescido das questões climáticas adversas às da França.

Para apoiar as viagens comerciais francesas, o vice-almirante Nicolas Durand de Villegagnon trouxe em 1555 a empreitada da França Antártica para o Brasil, precisamente na Baía da Guanabara. Foram 11 anos de domínio francês na região até seu fracasso total em 1567. Nesse cenário, foram documentadas a visão de alguns viajantes que participaram dessa expedição, “[...] são documentos de inestimável valor histórico e etnológico”,⁴ alguns ressaltados pela visão edênica em relação a natureza e um olhar etnocêntrico direcionado ao indígena.

Raríssimas foram às exceções de se compreender esses povos. É notório que na mentalidade da época evocava a visão de que eles eram qualquer outra coisa, menos humanos. Grande parte dos europeus considerava o indígena como o “outro” e jamais o “igual”. Isto porque a descoberta do Novo Mundo pôs o europeu perante povos que ele não sabia explicar, apesar de encontrar neles características semelhantes, como a aparência física. Segundo Schwarcz (2011), esse encontro causou representações imaginárias sobre este Novo Mundo que espantava e encantava.

Apesar da predominância da visão etnocêntrica dos viajantes direcionada ao indígena, os relatos franceses em alguns momentos se contrapõem aos dos portugueses, pois mostram certa curiosidade voltada para o perfil dos nativos. Apresenta-se como exemplo o relato de Ferdinand Denis em sua obra *La Déduction du somptueux ordre plaisant spectacle* (1850) sobre uma festa brasileira que aconteceu na cidade de Rouen para receber o Rei Henrique II e sua esposa Catarina de Médici.

Nela, 50 indígenas tupinambás e outros 250 figurantes vestidos a caráter, ou seja, pintados, carregando frutos e envoltos de papagaios, simularam combates, cenas de caça e de amor. Nesse contexto, é possível afirmar que os indígenas eram vistos pelos franceses como seres humanos, mesmo com “suas regras e costumes curiosos” (SCHWARCZ, 2008, p.31), tais aspectos impressionavam a Europa.

⁴ PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Léry**. In: Revista USP número 30, 1996, p.86.

2. Visão do paraíso

As viagens ao Novo Mundo realizadas pelos europeus no século XVI correspondem à possibilidade de conquistas territoriais bem como para obtenção de riquezas locais, mas também a expectativa do encontro com o fantástico; era um “mundo novo” a ser descoberto o qual despertava curiosidade. Palazzo (2007) afirma que, sem sombra de dúvidas, as Grandes Navegações realizadas por eles foram motivadas por fatores econômicos acrescidos dos políticos, mas principalmente pela procura do maravilhoso.

Esses viajantes encontravam-se acalorados pelos muitos relatos, reais ou imaginários, de viagens, peregrinações, comércio e cruzadas efetivadas em regiões desconhecidas, produzidos na Europa durante a Idade Média. São repositórios de utopias como a existência de sereias e o perigo do encontro com monstros moradores do mar. Os viajantes franceses imaginavam que no Brasil encontrariam os paraísos descritos nas lendas que tanto os influenciavam a se aventurar em viagens marítimas apesar de serem que muitos perigos lhes esperavam.

O mítico País de Cocanha estava entre as perspectivas de coexistir no Novo Mundo. Refere-se a um país imaginário descrito por um poeta francês na segunda metade do século XII sobre uma terra de prazeres, abundância, harmonia social e de liberdade sexual, onde não há espaço para o sofrimento, o envelhecimento e o esforço do trabalho.

Segundo Le Goff (1994, p.51), essa lenda caracteriza as ideias da Idade Média e representa o “mundo às avessas” como forma de compensar o que faltava na realidade. Ela circulou oralmente por muito tempo na Europa e era parte integrante de viagens rumo ao desconhecido. Percebe-se que além do interesse econômico, político e a curiosidade, a procura de um mundo representado por uma realidade diferente e consequentemente melhor daquela vivenciada fazia parte também dos interesses voltados ao Novo Mundo. Sobre essa questão Palazzo destaca:

A busca da abundância, o sonho da fartura e o desejo de uma vida menos trabalhosa faziam parte também da bagagem daqueles que partiam para o Novo Mundo, na esperança de encontrar um lugar no qual os homens

*estivessem livres da dura labuta nos campos, atividade essencial à sobrevivência dos europeus.*⁵

Portanto, as expectativas dos europeus em relação ao Novo Mundo estavam também na possibilidade de lhes proporcionar uma vida melhor.

Viajantes franceses como o católico André Thevet e o calvinista Jean de Léry fundamentaram suas obras na experiência obtida ao fazer parte da França Antártica no Brasil. O primeiro, após dez semanas de convivência na Baía da Guanabara, regressou à França alegando estar doente. No ano seguinte, publicou a obra intitulada *As singularidades da França Antártica* (1557): esta constitui uma fonte relevante por ser a primeira obra a fazer menção ao Brasil em pleno descobrimento, mas observa-se em sua leitura uma ênfase no fantástico ao transparecer a presença do imaginário medieval. Como ressalta Palazzo:

*O texto dá grande destaque ao maravilhoso, descrevendo a possibilidade de o bicho preguiça viver apenas de ar. Seres como os dragões ou mesmo haüt, que segundo a descrição irreal de Thevet viveria de vento, não se constituíam em algo totalmente absurdo para uma Europa que tinha na memória os estranhos animais que povoaram um vasto corpus de inúmeros bestiários.*⁶

Thevet aliou realidade à fantasia ao descrever a fauna e a flora brasileira. Através disso, revelou seu olhar edênico sobre o país ao dizer que nele contém árvores que produzem excelentes frutos sem a necessidade do cultivo; a existência de espécies animais diversos e desconhecidos pelo europeu, a exemplo do bicho preguiça que além de apresentar “face humana” se alimentava apenas de vento; relatou que um índio, atirando sua rede uma única vez, pescou mais de mil peixes. A visão edênica de Thevet está registrada no fragmento:

Quanto ao território de toda a América, é muito fértil em árvores que dão frutos excelentes, sem trabalho nem semente. E não duvidais que, se a terra fosse cultivada, produziria muito, visto sua situação, suas montanhas

⁵ PALAZZO, Carmen Lícia. **Permanências e mudanças no imaginário francês sobre o Brasil (séculos XVI a XVIII)**. São Paulo: USP, 2007, p.109.

⁶ PALAZZO, Carmen Lícia. **Permanências e mudanças no imaginário francês sobre o Brasil (séculos XVI a XVIII)**. São Paulo: USP, 2007, p.111.

*belíssimas, suas vastas planícies, seus rios cheios de bons peixes, suas ilhas férteis e a terra firme igualmente.*⁷

A credibilidade dos relatos que descreviam coisas fantásticas só era possível, porque, segundo Palazzo (2009), outras histórias parecidas circulavam na Europa do período. Então, as informações divulgadas acerca do Novo Mundo tinham espaço para serem assimiladas seguramente. Schwarcz (2008) destaca que o livro de Thevet despertou muita curiosidade na época por descrever as maravilhas da Nova França no Brasil e também recebeu críticas pelos exageros contidos na sua descrição.

Jean de Léry viajou para o Brasil em 1558, juntamente com um grupo de quatorze pastores da sua religião e cinco donzelas para habitar a França Antártica. No decorrer de sua estadia, tornou-se impossível a convivência pacífica entre católicos e protestantes, o que culminou na sua vivência ao longo de dois meses com os indígenas até seu regresso à Europa. Após dezenove anos do seu retorno, publicou seu diário denominado *Viagem à terra do Brasil* (1577) com o intuito de desmentir equívocos e mentiras contidas no livro de Thevet:

*[...] somente repetia suas mentiras e ampliava seus erros (sem dúvida na esperança de que todos estivéssemos enterrados ou não ousássemos contra dizê-lo), mas ainda se valia da oportunidade para detrair dos ministros e imputar mil crimes aos que como eu os acompanharam em 1556 à terra do Brasil, com digressões falsas e injuriosas, vi-me constrangido a dar à luz o relato de nossa viagem[....].*⁸

Porém, a análise dessa obra transparece a marcante influência do relato de Thevet, quando abordado questões relativas à possibilidade do bicho-preguiça se alimentar somente de vento, existência de monstros com feições humanas, a descrição da anta como uma “semi-vaca” acrescidos dos peixes voadores e golfinhos dourados.

Léry destaca também sua admiração em relação à diversidade das aves presentes no Brasil, enfatizando o papagaio pela sua capacidade de pronunciar “[...] tão perfeitamente as palavras da língua selvagem e da francesa que não era possível distinguir a sua voz da de um homem”. Em seu relato, encontra-se uma ilustração (LÉRY, 1961, p.235), contendo dragões, peixes voadores desproporcionais à realidade,

⁷ THEVET, André. **Singularidades da França Antártica**. Tradução, prefácio e notas de Estevão Pinto. São Paulo/ Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1994, p.49.

⁸ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução integral e notas de Sergio Milliet. Biblioteca do Exército Editora, 1961, p. 19-21.

um bicho-preguiça gigante e vários demônios agredindo os indígenas. Ela representa uma caracterização do Brasil com forte enfoque no fantástico. (Ver imagem que segue).

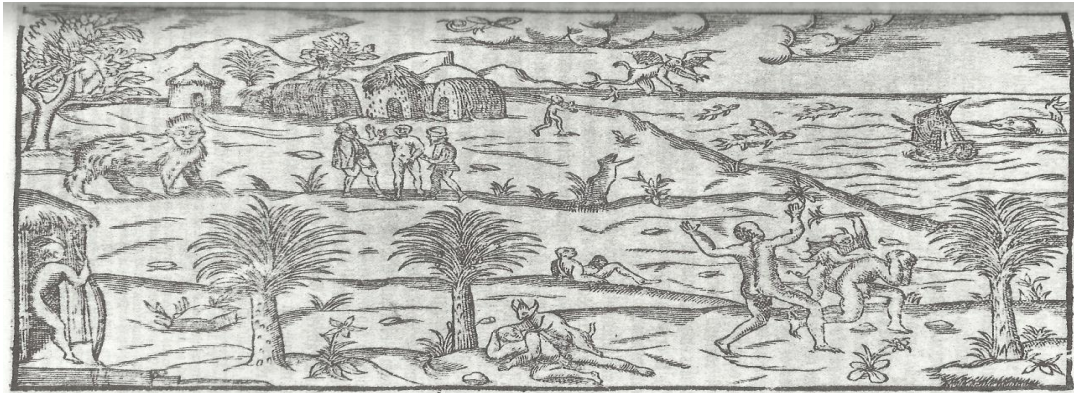


FIGURA 1 - Demônios aterrorizando os índios

Fonte: LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961, p.197.

Através desses relatos, é possível afirmar que Léry assim como Thevet foi influenciado pela mentalidade medieval ao concordar com a existência do fantástico a ponto de encontrá-lo no Novo Mundo e prova disso está exposto no seu relato. Sobre essa abordagem, Palazzo ressalta que:

O texto demonstra com bastante clareza a presença do maravilhoso também no discurso de um protestante. Embora os calvinistas criticassem a falta de sobriedade nas crenças dos católicos, não seria a condição de reformado que excluiria Léry da mentalidade de sua época fortemente impregnada pelo fantástico.⁹

A visão edênica direcionada as novas terras se fortaleceu por decorrência da crença cultivada na Idade Média referente à falta de indícios sobre o extermínio do paraíso bíblico. Sabe-se que seus habitantes humanos, Adão e Eva, foram expulsos daquele lugar e que Deus havia colocado dois anjos na porta para impedir um possível retorno. Em decorrer de tal fato, os europeus medievais acreditavam na possibilidade de localizá-lo em algum recinto da Terra.

A descoberta das terras brasileiras com suas belezas exuberantes fez alusão a tal paraíso. Outros relatos de paraísos lendários também foram divulgados pelos viajantes com menção de serem encontrados no Brasil, como o já mencionado país de Cocanha, e

⁹ PALAZZO, Carmen Lícia. **Permanências e mudanças no imaginário francês sobre o Brasil (séculos XVI a XVIII)**. São Paulo: USP, 2007, p.114.

os próprios relatos de Thevet e Léry se assemelham às imaginações presentes nesse mito, o qual se refere a um *lugar*:

[...] Onde se pode beber e comer tudo o que se quiser sem problemas. Sem oposição e sem punição cada qual pega tudo o que seu coração deseja, uns, peixe, outros, carne; se alguém quer carne basta pegar ao seu bel-prazer; [...] sem pagar nada [...] sem oposição e sem medo, [...] sem pagar se quer uma moeda.¹⁰

Portanto os paraísos do Éden e da Cocanha, na visão dos europeus, representavam o Brasil, país este que é abordado nos relatos dos viajantes franceses quinhentistas como despertador de curiosidade, deslumbramento, estranhamento e nostalgia.

3. Visão do “outro”

As imagens criadas por decorrência do encontro com o Novo Mundo encontram-se ressaltadas pela visão edênica voltada para a terra brasileira e em contrapartida a predominância do olhar etnocêntrico relacionado ao seu habitante natural (o índio), porém, enquanto os portugueses consideravam-nos como povos sem F.L.R., ou seja, homens “sem Fé, nem Lei, nem Rei” (SCHWARCZ, 2008, p.26), portanto, sem nenhuma cortesia ou humanidade, os franceses registraram uma ótica voltada para tentativa de compreender esses povos, visto que a representação deles “parecia estar em alta no imaginário europeu e causava curiosidade” (SCHWARCZ, 2008, p.29). Mas o perfil do índio canibal permanecia envolto por emblemas e muitos viajantes franceses não sustentaram uma postura tolerante ou imparcial para com ele, pois o confronto com povos de costumes e características altamente avessas ao modo de vida europeu provocou intenso estranhamento.

A diferença encontrada no canibal causou impacto ao imaginário francês pelo fato do paraíso idealizado habitar indivíduos curiosos a ponto de colocar em questão a sua identidade. Diante disso, pensavam sobre a possibilidade de tais povos estarem equivocados quanto aos seus costumes ou então tudo que foi adquirido na sociedade francesa estivesse errado, mas frequentemente concluíam que a vida do outro é que não valia nada, eram uns atrasados.

¹⁰ FRANCO JR, Hilário. **Cocanha: a história de um país imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.29.

Essa visão voltada ao etnocentrismo é identificada na obra *Cosmografia Universal* (1575) de André Thevet, pois nela os índios tupinambás são classificados como criaturas usadas pelos espíritos ruins pelo fato de gostarem da guerra e do lucro, e por outras características:

[...] estranhíssimos selvagens sem fé, lei ou religião e nem civilização alguma, vivendo antes como animais irracionais, assim como os fez a natureza, andando sempre nus tanto aos homens quanto as mulheres, à espera do dia em que o contato com os cristãos lhes extirpe essa brutalidade, para que eles passem a vestir-se, adotando um procedimento civilizado e humano.¹¹

É perceptível nessa citação, o olhar que Thevet direciona aos índios tupinambás embasado no etnocentrismo, pois considera que tais povos não eram humanos como ele. Mas, ao longo da sua escrita, apresenta a esperança de que esses “[...] bárbaros poderão pouco a pouco despojar-se dessa brutalidade”¹² por acreditarem na eternidade da alma. Thevet reproduziu o conhecimento adquirido na sociedade medieval europeia a qual nutria a visão de que civilizados são os europeus e tudo que fosse contrário a essa realidade seria considerado barbárie. Quando na verdade, “bárbaros são aqueles que creem que os outros, a sua volta, são bárbaros”. (TODOROV, 1993, p.25)

A caracterização do canibalismo cometido pelos índios tupinambás sofreu pesadas críticas no relato de Thevet; eles foram vistos como cruéis e usados pelo demônio por comerem a carne humana mesmo que fosse a do seu inimigo. Afirmou também que esses indígenas eram vingativos, porque não tiveram um encontro com o Deus, que ele acreditava existir, e ainda alegou que os canibais só viviam dessa prática como se estivessem se alimentando da carne de algum animal que comemos.

Esse pensamento se deve ao fato do ato de comer a carne humana ofender o comportamento apregoadado pelo Cristianismo. Assim, a antropofagia chocou toda a Europa, pois foi pensada com parâmetros religiosos. Mas vale ressaltar que o Cristianismo faz algo semelhante no processo da ceia (protestantismo) ou eucaristia (catolicismo). Pois, nesse momento, é ingerido, respectivamente, o pão e a hóstia que simbolizam o corpo de Jesus, e depois o vinho, representante do sangue de Cristo.

¹¹ THEVET, André. **Singularidades da França Antártica**. Tradução, prefácio e notas de Estevão Pinto. São Paulo/ Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1994, p.117.

¹² “Da religião das Américas”, capítulo V.

Então, segundo Lestringant (2010), o europeu condenou o canibalismo, mas o realiza de forma simbólica.

O repúdio de Thevet ao ato canibal foi tão intenso ao ponto de questionar um indígena sobre essa questão e obteve a resposta:

[...] que deveríamos nos envergonhar de perdoar nossos prisioneiros de guerra. Melhor faríamos se os matássemos, não lhes fornecendo outra oportunidade de iniciar outra guerra contra nós. Eis o modo de pensar desse povo ignorante.¹³

Ao chamar o nativo de ignorante, Thevet não levou em consideração o fato dos aspectos religiosos dos franceses não apresentarem uma lógica ao olhar indígena; assim como esse estrangeiro não os compreendia, os nativos também não viam nexos em agirem diferentemente dos costumes que estavam enraizados na sua tradição para optarem a seguir os preceitos cristianizados. Nesse contexto, é essencial a ideia de relativização, como afirma Rocha (1998, p.20), “quando compreendemos o outro nos seus próprios valores e não nos nossos estamos relativizando”.

A cultura do outro não deve ser pensada como diferente, inferior ou superior, e o contrário chama-se etnocentrismo e o “antídoto” para ele denomina-se relativizar. Essa é a melhor saída para amenizar a visão estereotipada que temos por natureza em relação ao outro. Quando passamos a utilizar esse conceito na prática, o convívio na coletividade se torna pacífico, bem como uma melhor compreensão da diversidade dos seres pertencentes à outra cultura, pois ele assim como nós tem seu valor, por isso, apenas colocando-se no lugar do canibal, Thevet compreenderia a sua essência e consequentemente apresentaria outro discurso.

No contexto em que se encontrava o imaginário dos visitantes do Novo Mundo, com seu olhar inclinado ao etnocêntrico para com o ser canibal, Jean de Léry apresenta no seu relato outra visão direcionada à prática antropofágica realizada por esses nativos. Ele analisou os Tupinambás e os Tupiniquins por mais de um ano e, em virtude disso, descreveu seu modo de vida, por exemplo, como eles fabricam o pão, a farinha, o vinho ou moem a carne.

Segundo Schwarcz (2008), mesmo que Léry descrevesse-os com frieza e criticasse-os pelo fato de homens, mulheres e crianças andarem sempre nus ou estarem

¹³ THEVET, André. **Singularidades da França Antártica**. Tradução, prefácio e notas de Estevão Pinto. São Paulo/ Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1994, p.127.

afastados de Deus, ele mostra sua identificação para com os nativos e isso induz o leitor a simpatizar com eles. Léry procurava entender como os habitantes do Novo Mundo viviam felizes sem terem um modo de vida cristão ou ao menos estarem próximos de Deus, isto porque os reformados tem convicção de que a felicidade encontra-se no apego ao Criador e em seguir seus princípios.

Ao descrever o canibalismo praticado pelos índios brasileiros do período quinhentista, Léry reconhece a crueldade cometida quando escreve com detalhes como os índios eliminavam seus inimigos em longos rituais. Nestes, o inimigo era bem tratado antes de morrer, pois usufruía de fartura alimentar e mulheres, mas, se alguma engravidasse, seu filho era devorado ao nascer. Em virtude disso, Léry afirmava que “[...] essa gente tem arraigado no coração o sentimento de vingança”,¹⁴ porém esse viajante é levado a repensar o *canibalismo*:

*Poderia aduzir outros exemplos de crueldade dos selvagens para com seus inimigos, mas creio que o que disse já basta para arrepiar os cabelos de horror. É útil, entretanto, que ao ler semelhantes barbaridades, não se esqueçam os leitores do que se pratica entre nós (...). Não abominemos, portanto demasiado a crueldade dos selvagens antropófagos. Existem entre nós criaturas tão abomináveis, se não mais, e mais detestáveis do que aqueles que só investem contra nações inimigas de que têm vingança a tomar. Não é preciso ir à América, nem mesmo sair do nosso país, para ver coisas tão monstruosas.*¹⁵

Portanto, mesmo que Léry considere o canibalismo como crueldade, reconhece a brutalidade do europeu. Ele utilizou-se dessa prática para assinalar a perseguição religiosa que acontecia na França, visto que na Noite de São Bartolomeu trinta mil protestantes foram mortos a mando da rainha Catarina de Médici. Então, se os canibais praticavam barbárie ao se vingarem do seu inimigo devorando-o, pior faziam os franceses que matavam seu oponente em nome da religião que seguiam, com efeito, em nome de Deus e o impressionante é que isso não foi considerado desumanidade, mas o canibalismo sim.

¹⁴ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução integral e notas de Sergio Milliet. Biblioteca do Exército Editora, 1961, p.191.

¹⁵ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução integral e notas de Sergio Milliet. Biblioteca do Exército Editora, 1961, p.203-204.

4. Considerações finais

O olhar direcionado ao Brasil no século XVI foi caracterizado, inicialmente, por um forte imaginário medieval composto de mitos e maravilhas. O olhar francês voltado ao Novo Mundo estava carregado pelos interesses econômicos, a possibilidade de uma vida melhor longe da Europa e a expectativa do encontro com o fantástico. Uma vez que os viajantes franceses acreditavam nos muitos relatos que circulavam na sua pátria, declarando que o Brasil era o tão almejado paraíso terrestre, constituído de uma terra de beleza exuberante e clima ameno, apesar da presença de seres monstruosos. Mas não estava previsto o encontro com os nativos desse paraíso, porém apenas com a ajuda deles que seria possível estabelecer uma ponte comercial com o Brasil.

Mediante a relação comercial com os nativos, os europeus produziram um olhar etnocêntrico ao julgá-los a partir dos costumes e leis do seu país; por isso tudo que não se enquadrava no mesmo padrão que o seu foi classificado como barbaridade. O olhar português, por exemplo, caracterizava os indígenas como povos bárbaros, sem nenhuma honestidade ou humanidade, eram vistos como verdadeiros monstros figurados de homem. Isso porque o invasor os julgavam de acordo com os seus costumes e valores habituais, pensados como universais. Mas o olhar francês diferenciou-se ao mostrar uma tentativa de compreendê-los.

Relatos como o de Jean de Léry trouxe contribuições relevantes para que a prática canibal não fosse julgada como barbárie quando na França do período, visto que as guerras religiosas eram exemplos de atos tão ou mais cruéis quanto aqueles praticados pelos indígenas. Em contrapartida, o relato de André Thevet transparece uma visão voltada ao etnocentrismo, pois considerava o nativo como pobre por viver sem o modelo de lei europeu, e distantes de uma religião, mas mesmo assim acreditava que, pelo viés religioso, eles se tornariam civilizados um dia.

Portanto, a análise dos relatos daqueles que estiveram no Brasil do século XVI demonstra a relevância do olhar francês voltado às novas terras, pois ao invés de vê-las como um paraíso edênico no qual os índios representassem o inferno, como fora divulgado por outros viajantes, na ótica francesa, o país continua sendo o paraíso terrestre e seu habitante natural excêntrico, porém humano.

Referências:

CARELLI, Mario. **Culturas Cruzadas: Intercâmbios culturais entre França e Brasil**. São Paulo: Papyrus, 1994.

FRANCO JR, Hilário. **Cocanha: a história de um país imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, J. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução integral e notas de Sergio Milliet. Biblioteca do Exército Editora, 1961.

LESTRINGANT, Frank. **Entrevista com Frank Lestringant**. Rio de Janeiro: Topoi, v. 11, n.20, jan.-jun. 2010, p.159-171.

MARIZ, Vasco e PROVENÇAL, Lucien. **Villegagnon e a França Antártica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2006.

MARIZ, Vasco. **Os indígenas brasileiros e os navegadores franceses do século XVI**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2006.

PALAZZO, Carmen Lícia. **Entre mitos, utopias e razão: os olhares franceses sobre o Brasil (séculos XVI a XVIII)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

PALAZZO, Carmen Lícia. **Permanências e mudanças no imaginário francês sobre o Brasil (séculos XVI a XVIII)**. São Paulo: USP, 2007.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Léry**. *In*: Revista USP número 30, 1996.

PROVENÇAL, Lucien. **As guerras de religião da França no século XVI**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2006.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Ouvir, ver, ouvir dizer: relatos franceses sobre o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

THEVET, André. **Singularidades da França Antártica**. Tradução, prefácio e notas de Estevão Pinto. São Paulo/ Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1994.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.